

SB 30-5-68 p. 2

ARTES PLÁSTICAS | WALMIR AYALA

UMA PINTORA BEATÍFICA

Grauben começou a pintar aos setenta anos. Não se pode explicar o fenômeno de sua revelação — a verdade é que sua pintura hoje não fica mais de algumas horas em sua casa, depois de pintado o quadro. Seus jardins possuem uma aura benéfica, é isso sobretudo que os compradores querem conservar. Já houve quem quisesse imitar Grauben — ela mesma conta — mas desistiram. No entanto sua pintura é tão simples. Não sei se primitiva seria o termo. Grauben, apesar de não ter estudado pintura, é uma pessoa de sensibilidade refinada, tem uma certa cultura e muita vivência. Ela pinta como é, e só se pode falar desta pintura com a mesma devoção e alegria. Eu disse em nota anterior que ela é uma pintora beatífica.

Não sei porque, mas me parece que Grauben pinta com um estado de alma semelhante àquele de Fra Angélico (que pintava de joelhos e comungava antes de iniciar um quadro). Ela descende de uma avó que fazia da vida um ritual, que domesticava pássaros e os levava nos dedos, que tinha um galo que ocupava uma cadeira à mesa. Grauben tem um folclore de incríveis (como ela diz) e sobre isto está escrevendo um livro. Aposto neste livro, como um dia apostei nas memórias de Maria Helena Cardoso, hoje best seller. Grauben, como sua avó, carrega pássaros nos dedos e borboletas, insetos, cenários pontilhados com graça e rigor, no entanto produtos de uma fatal intuição.

Ivã Serpa um dia viu um guache de Grauben e convenceu-a de ir estudar no Museu de Arte Moderna. Estudar não foi bem o processo: Grauben pintava em casa e levava os quadros para a aula de Ivã. O experiente pintor e mestre nunca reprovou nenhum dos estudos de Grauben, muitas vezes parou a aula para que todos vissem e analisassem o acontecimento do fenômeno. Grauben

ri muito, se espanta da briga dos compradores ali mesmo, na sua sala com flôres artificiais e uma planta que à tarde lhe perfuma as horas. Fala de todo o mundo com um amor muito natural, não é ternura, é aquele pulsar do bem que ninguém educa nem prevê. Que vem de sempre, como o sangue na veia. Agora Grauben lê jubilosa um livro de preparação para a morte. Saber morrer, diz ela, é uma ciência difícil que a gente tem que cultivar. Sua saúde é total, apesar disso, e em seus quadros hoje mais luminosos que antes (ela diz que é por causa das novas tintas americanas que um amigo lhe traz sempre) a variedade, o intrincado, os espaços de pontilhados com que ela vai bordando a pincel os fundos chapados e as figurinhas de uma flora estilizada, tudo documenta uma gratidão de estar viva que é na verdade o mais raro de seu exercício. "Os passarinhos — diz ela — eu vejo em muitos livros que tenho colecionado, mas a cor é minha." A consciência da cor, hoje a profissão que lhe absorve os dias inteiros, a demanda de suas imagens que se reproduzem e sempre são outras e mais ricas, depõem em favor de seu destino.

Grauben soube esperar setenta anos para se transformar numa operária de beleza e harmonia. E não houve qualquer ruptura em sua personalidade, o menor choque em sua integridade interior. Ela pinta hoje como se tivesse nascido pintando. Só que hoje ela está alegremente condenada a se concentrar neste serviço. Arte e vida estão conjugadas nela e os que outro dia nos pediam critério de julgamento, se escandalizariam desta exatidão. Um ser artístico como Grauben exorbita de qualquer critério, ela é seu próprio critério e só podemos guardá-la como sinal, num tempo de catástrofes, de que o bem e a boa vontade iluminam ainda este vale de lágrimas.



GRAUBEN: A ALEGRIA DE PINTAR